



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

SEXUALIDADE E MARCADORES DA DIFERENÇA: UMA DISCUSSÃO SOBRE O BIOPODER E A BIOPOLÍTICA.

Mayara C. A. Silva (1); Ana V. P. Nascimento (1); Donylla G. Paiva (2); Valdenia Rodrigues (3); Orientadora – Prof^a Liélia Barbosa Oliveira.

Universidade Estadual da Paraíba

E-mails: annavirginia.p@gmail.com / donyllapaiva@gmail.com / Mayara.coelho@hotmail.com / valdenia.social2014@gmail.com / lieliapb@hotmail.com /

Resumo

Esta pesquisa se deu a partir de análises bibliográficas oriunda de debates em sala de aula na disciplina de Gênero e Serviço Social. Desta forma, percebemos a necessidade de compreender a discussão sobre a sexualidade e os marcadores da diferença, destacando os conceitos disseminados pelo filósofo Foucault, que são os conceitos de biopoder e biopolítica. Por isso, nosso interesse em debater a importância da compreensão conceitual e sua contribuição para a percepção das relações de gênero na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Biopoder, Biopolítica, Gênero.

INTRODUÇÃO

A sociedade disciplinar desloca seu foco de atuação para os corpos individuais e individualizantes, diferente do que ocorria com a sociedade de soberania entre os séculos XVII e XVIII, onde interessava ao poder à submissão dos súditos. Na sociedade capitalista, capturam-se seus indivíduos e seus corpos a fim de construir mecanismos disciplinares que percorram o corpo individual.

O poder disciplinar seria um poder que agiria sobre os corpos através de sua interação, do controle do tempo, da vigilância constante e da produção de conhecimento. Esse poder (disciplinar) age sobre os indivíduos, visando seus corpos, sendo daí que se desenvolve o biopoder, que seria uma nova forma de controle da vida



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

em geral, controlando os processos de nascimento e de morte, da saúde e entre outros, objetivando transformar, aperfeiçoar essa forma de controle sobre a vida, visando um maior controle, um poder de disciplinar sobre os indivíduos o coletivo.

SEXUALIDADE, GÊNERO E RAÇA: MARCADORES DA DIFERENÇA.

O conceito de biopoder foi desenvolvido por Foucault, um filósofo Frances, no primeiro volume de sua história da sexualidade e aparece como uma forma de exercício do poder, uma tecnologia do poder que comporta vários instrumentos e técnicas. O biopoder seria um conjunto de praticas estatais instrumentadas por técnicas de poder, um mecanismo de controle entre os indivíduos, desenvolvendo normas de conduta dos corpos, da vida agindo sobre a espécie, cuidando de processos como saúde, natalidade, mortalidade e etc.

A biopolítica e o biopoder são discursos apropriados por profissionais para introduzir disciplina nas pessoas a partir da década de 1970. O biopoder se estabelece como uma forma de normatizar a conduta dos corpos por meios de diversos aparelhos.

Verifica-se que a biopolítica é a prática de biopoderes locais. Neste a população é tanto alvo como instrumento em uma relação de poder, aparecendo como sujeito de necessidades, de aspirações, mas também como objeto nas mãos do governo, pois esse biopoder não agiu somente sobre o individuo e seu corpo privatizado, mas também sobre os fenômenos coletivos que podiam afetá-lo.

A verdade passa a ser vista como uma produção histórica, sendo explicada a partir do saber e este é perpassado por relações de poder. Estes saberes (locais e específicos) passam a ser dominados por discursos científicos, que buscam se legitimar como uma verdade neutra ao passo que produzem um papel de reproduzir sua dominação.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

A genealogia faz uma análise destes discursos construídos historicamente a partir de práticas sociais influenciadas pelas relações de poder na qual considera que o sujeito é constituído dessas práticas sociais e evidencia como em nossa cultura os seres tornam-se objetos\sujeitos. A verdade não pode ser entendida fora das relações de poder, pois, está dentro da sociedade cumprir a função de garantir e manter estas relações que se validam muitas vezes mediante, por exemplo, no corpo social, pois, o poder se estrutura e se exerce através do discurso que se arranja nas relações sociais.

A verdade passa a funcionar como controle dos discursos e dentro da sociedade biopolítica moderna, digamos que se evidenciará uma “nova” roupagem para se punir, se controlar. Através, por exemplo, da forte influência da cultura sobre a manipulação do nosso corpo, da nossa imagem, dos nossos comportamentos, por meio das imposições da sociedade, das proibições e repressões através dos códigos culturais que culmina para abdicação do corpo e da identidade de muitos.

A emergência da biopolítica é marcada pela intervenção de uma série de fenômenos que se referem à relação entre a espécie humana e seu meio de existência. Em meio a este cenário se constitui a sexualidade como anatomia política do corpo e uma biopolítica da população.

As categorias associadas à cor/raça, gênero e sexualidade são produções culturais e históricas, articuladas em sistemas classificatórios que envolvem dimensões semânticas e pragmáticas, a marcação da diferença é uma componente chave de qualquer sistema classificatório. Dessa maneira, pessoas, objetos e comportamentos ganham sentido, são socialmente produzidos por meio da atribuição de diferentes posições em um sistema classificatório.

A questão da hierarquia de gênero articula a oposição masculinidade/atividade sexual versus a feminilidade/passividade sexual, a qual englobaria todas as identidades



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

sexuais em termos de oposições bipolares entre “machos” e “fêmea”, “homens” e “bichas”, ou “sapatões” e “mulheres”.

Nota-se que foram criadas classificações no âmbito do biopoder e que estas não são naturais, mas surgem com a finalidade de controlar e normalizar as coisas, pois o poder nas sociedades disciplinares tem como pilar os corpos-organismo dos indivíduos (a individualização), aos quais são manipulados e controlados para se tornarem submissos a governamentalidade e úteis ao capital, garantindo assim o ordenamento racional e disciplinar.

O sistema que determina o gênero em relação a nossa genitária e, por exemplo, por estarem inseridas na nossa cultura e concepção do masculino e do feminino, que elas se perpetuam não nos dando a liberdade e o direito de escolha colocando a sexualidade dos seres humanos a disposição das concepções e classificações historicamente construídas e impostas pelas relações de poder.

O conceito de “biopoder” se faz necessário para que possamos pensar no conjunto de disposições e práticas criadas e acionadas para controlar homens e mulheres. Devido à concepção de gênero (homem/mulher), quem se afasta dessa forma de masculinidade e feminilidade são considerados diferentes, são representados como outro, sendo marginalizados e discriminados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de estudos e revisões bibliográficas, observou-se que o indivíduo passa a construir sua identidade, a partir de valores e elementos da cultura em que está inserido, porém, a forma de absorvê-los se dá de forma diferenciada, marcando o contraste de um indivíduo para com o outro.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

Dentre as análises, baseada na temática proposta é possível perceber que se busca reconhecer as diferentes formas de poder dentro das relações estabelecidas neste âmbito, que são praticadas em diversos setores da vida social. O poder não seria destinado ao Estado e as instituições, mas a todo corpo social, indagando suas transformações e contribuições históricas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LOURO, Guacira L. **Currículo, gênero e sexualidade**. Porto: Porto Editora, 2000. (p.111)

GADELHA, Sylvio. **Biopolítica, governamentalidade e educação: introdução e conexão a partir de Michel Foucault**. Capítulo I, II e III. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MISKOLCI, Richard. **O desejo da nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do século XIX**. São Paulo: Anablume, 2012.

SEN, Amartya K. A condição de agente das mulheres e a mudança social. *In: Desenvolvimento como liberdade*. Capítulo 8. – São Paulo: Companhia das Letras, 2000. P.220-235.

SILVA, Tomaz T. A produção social da identidade e diferença. *In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.) Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2009. (p. 73-102).